**UMA MÚSICA PARA PERSÉFONE:
O potencial pedagógico-musical do mito grego**

***Kyanne Cristhines Dias Braga***[[1]](#footnote-1)

***Bárbara Resende de Almeida***[[2]](#footnote-2)

***José Victor Carvalho da Silva***[[3]](#footnote-3)

***Morley Ferreira Guimarães*4**

***Leyla Thays Brito da Silva5***

**Grupo de Trabalho (GT):** GT 13 - Estética e Ensino Religioso: perspectivas e práticas da arte e sua diversidade

**Resumo**

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida por licenciandas(os) dos Cursos de Ciências das Religiões (1) e História (2), cujo objetivo foi a utilização da composição musical do mito de Perséfone como ferramenta para o ensino religioso e reflexão sobre as práticas pedagógicas. Através da criação de uma peça musical e dramática, os docentes aprofundaram seus conhecimentos sobre a Mitologia Grega, desenvolveram habilidades artísticas e pedagógicas, e experimentaram a potencialidade da música como transmissora do conhecimento. Esta pesquisa-ação apoia-se nos conceitos de Mircea Eliade (2004) acerca do mito como categoria conceitual central na composição do fenômeno religioso, e nos apontamentos de Duarte Júnior (1994) acerca da arte-educação, chave para um processo de ensino-aprendizagem mais atento aos sentimentos e à estética. Este trabalho tem como objetivo evidenciar que as atividades utilizando a composição musical em sala de aula favorecem a compreensão dos sentimentos, a construção de significados e a promoção de um aprendizado mais significativo.

**Palavras-chave:** ensino religioso; mito; educação; arte

**1 Introdução**

O presente artigo refere-se às ações desenvolvidas durante a vivência da disciplina Mitologias Grego-romana e Nórdica, componente curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Ciências das Religiões, ministrada pela Profª Drª Leyla Thays Brito da Silva. O trabalho aqui apresentado objetiva aprofundar o estudo do mito de Perséfone, explorando suas nuances simbólicas e sua relevância cultural, ao mesmo tempo em que busca desenvolver, nos futuros professores, habilidades para a criação e implementação de práticas pedagógicas inovadoras e significativas. Através da interpretação musical do mito, a atividade propõe uma experiência estética que estimula a criatividade, a colaboração e a reflexão crítica, além de oferecer uma ferramenta pedagógica versátil para o ensino de diferentes conteúdos, contribuindo para a formação de professores mais familiarizados com o reconhecimento de percepções importantes para o exercício docente, como a promoção de um ensino mais lúdico e a reflexão sobre a intersecção entre arte e religião.

De acordo com Santos (2023, p.587), os benefícios da utilização da música em sala de aula incluem o despertar do lúdico, melhorias na socialização e no contato com os próprios sentimentos, além dos estímulos à coordenação motora e à percepção sonora. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por sua vez, reconhece estes benefícios, e destaca a música como um elemento fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes, enfatizando sua importância em diversas áreas do conhecimento. Ademais, a BNCC preconiza que a música não seja vista como uma disciplina isolada, mas sim como um recurso pedagógico que permeia todas as áreas do currículo, desde a educação infantil até o ensino médio. É nesse contexto que este trabalho se insere, buscando explorar o potencial da música como ferramenta para o ensino religioso. A experiência desenvolvida nesta pesquisa-ação desafiou os licenciandos a criar uma peça musical e dramática inspirada no mito de Perséfone, com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos sobre a mitologia grega e desenvolver habilidades pedagógicas mais criativas.

**2 Fundamentação teórica**

A fundamentação teórica deste estudo baseia-se na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Religioso, que orienta o ensino do mito, na educação básica, enquanto linguagem estruturante de determinadas tradições religiosas. Também recorremos ao historiador das religiões. Mircea Eliade, que toma o mito como categoria conceitual central na composição do fenômeno religioso, e ao filósofo Ernest Cassirer, que classifica o mito como estruturante dos sistemas simbólicos culturais. No tocante à discussão acerca da função das artes na educação, Duarte Jr. e Castanho (2007) serão aqui utilizados com fins à discussão da importância de uma educação estética no processo ensino-aprendizagem.

**2.1. Aproximações conceituais sobre mito**

Se por muito tempo, na história do mundo helênico, os mitos constituíram a realidade sagrada dos deuses e os referenciais éticos e morais dos gregos e gregas, com a Filosofia, no entanto, passaram a ser encarados como ficção, no sentido pejorativo, enquanto histórias inverídicas, sem sentido, ou mera alegoria de verdades, das quais o pensamento filosófica buscou se aproximar, produzindo uma linguagem própria, o logos, oposta ao *mythos* (VERNANT,  1999, p. 189). Tendo herdado essa acepção desprestigiosa do mito, a concepção comumente difundida hoje situa-o como “mentira”, como se vê em enquetes nas redes sociais com a chamada “É mito ou verdade?”.

Contudo a área de Ciências das Religiões, herdeira dos estudos antropológicos e etnológicos, desenvolvidos durante o Imperialismo da Europa entre os séc. XIX e XX, sobre a África, a Ásia e a Oceania, reformulou esta acepção reducionista dos mitos gregos. Diante dos povos não-europeus em que o mito era “vivo”, isto é, não reduzidos à condição de cânone poético, ou meras fabulações, como fora encerrada, por muito tempo, a mitologia grega, o mito passa a ser vislumbrado, por pesquisadores do Ocidente europeu, sob novas perspectivas.

O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. (ELIADE, 2004, p. 11.)

 Portanto, segundo Mircea Eliade, o caráter de verdade e de sacralidade são assegurados como aspectos fundamentais das narrativas míticas. A ação criadora do Entes sobrenaturais constitui o tema central dos mitos.  Porém, essa criação não se limita ao surgimento do mundo, mas também a todo acontecimento primordial (comportamentos, leis, ordens sociais) que instalaram a cultura humana.

Para os que vivenciam ou vivenciaram o mito como palavra verdadeira, suas narrativas não só relatam a atuação divina, mas a presentificam, atribuindo significações à vida coletiva. Nesses termos, o mito é entendido como um sistema simbólico. Para essa compreensão do caráter simbólico do mito na produção de conhecimento para as culturas humanas, o filósofo Ernest Cassirer trouxe uma contribuição fundamental a partir de sua teoria das “formas simbólicas.”

por “forma simbólica” há de entender-se aqui toda a energia do pensamento em cuja virtude um conteúdo espiritual de significado é vinculado a um signo sensível concreto e lhe é atribuído interiormente. Neste sentido, a linguagem, o mundo mítico-religioso e a arte se nos apresentam como outras tantas formas simbólicas particulares. (CASSIRER, 1975, p. 161)

Para Cassirer, os seres humanos constituem o seu mundo pela mediação das formas simbólicas, portanto, são tidos pelo filósofo como um “animal simbólico”. A vida na cultura é sustentada por uma rede de símbolos que dá sentido à existência de homens e mulheres, enquanto seres sociais. Juntamente com a linguagem e a arte, o mito se apresenta no pensamento do filósofo como formas simbólicas estruturantes, que instaura significados sobre as várias instâncias da vida humana individual e coletiva. Assim, as instituições culturais e os papeis dos agentes dentro de uma coletividade têm, no mito, um aparato simbólico. Um mito grego, por exemplo, pode agenciar e representar modos de relação e de compreensão grega do mundo. A relação de Zeus com suas várias esposas serviu como modelo ao mesmo tempo que tensionou a problemática dos papeis masculino e feminino na cultura helênica.

**2.2. O mito no Ensino Religioso**

 A partir da perspectiva da diversidade religiosa, A Base Nacional Comum Curricular orienta, para o Ensino Religioso, o estudo das várias tradições míticas, como possibilidade de compreensão das semelhanças e especificidades de cada crença.

Articulado com o rito e o símbolo, o mito surge como linguagem fundamental a ser trabalhada na sala de aula, para que os/as alunos/as alcancem determinadas habilidades na compreensão do fenômeno religioso em suas várias faces culturais. Dentre as habilidades apontadas na BNCC, os/as discentes do Ensino Religioso devem: “Reconhecer a importância dos mitos, ritos, símbolos e textos na estruturação das diferentes crenças, tradições e movimentos religiosos  (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p. 453)”,  bem como  “Reconhecer a importância dos mitos, ritos, símbolos e textos na estruturação das diferentes crenças, tradições e movimentos religiosos “Identificar sentidos do viver e do morrer em diferentes tradições religiosas, através do estudo de mitos fundantes (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p. 459).”

**2.3. Contribuições da arte-educação para o ensino-aprendizagem**

Ao abordar o mito sob uma ótica pedagógica, é essencial considerar a importância da arte enquanto veículo para a simbolização e expressão dos sentimentos e experiências humanas. Nesse ponto, Duarte Jr. (1994, p. 65) contribui significativamente para a compreensão do papel da arte na educação, evidenciando que esta se trata de uma aliada para promover uma maior sensibilidade ao mundo que nos cerca. Essa sensibilidade, despertada pela arte, é essencial em um contexto educativo que busca conectar os conteúdos curriculares às experiências concretas dos alunos. O autor explica que a escola, frequentemente, separa as emoções da razão em função de um modelo racionalista e produtivista herdado da sociedade industrial moderna, reproduzindo uma visão homogênea dos aspectos da sociedade e isolando o aluno da construção uma visão de mundo propriamente sua.

Em contrapartida, uma educação que incorpora a arte possibilita uma melhor integração entre o sentir e o pensar, promovendo um processo de aprendizagem mais significativo, isto porque a arte é capaz de fornecer um aporte para a "concretização dos sentimentos em formas expressivas", e ainda, "se constitui num meio de acesso a dimensões humanas não passíveis de simbolização conceitual" (DUARTE JR., p. 65). Ainda segundo o autor, essa seria a diferença entre aprendizagem e adestramento: no adestramento há sempre um sinal e uma resposta fixos, enquanto na aprendizagem há a abstração do significado que os símbolos permitem. Nesse sentido, uma verdadeira aprendizagem demanda conceitos (símbolos) estejam em conexão com as experiências dos indivíduos.

Entendemos, portanto, que a arte permite que os alunos explorem e expressem seus sentimentos de forma mais plena e autêntica. Ainda segundo Duarte Jr. (1994, p.45), a música seria a criação de uma forma dinâmica, isto é, não estática, e cujas formas se desenvolvem no tempo. Essas formas, por sua vez, não podem ser consideradas símbolos e não possuem significados conceituais, mas remetem ao mundo dos sentimentos, e seus sentido reside nela mesma. Dessa maneira, a arte se torna um meio de acesso a dimensões do sentir que não são passíveis de simbolização, e, portanto:

Através das artes somos levados a conhecer melhor nossas experiências e sentimentos, naquilo que escapam à linearidade da linguagem. Quando, na experiência estética, meus sentimentos entram em consonância (ou são despertados) por aqueles concretizados na obra, minha atenção se focaliza naquilo que sinto [...] A arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de sentir (DUARTE JR., 1994, p.65)

Duarte Jr. (1994, p. 69) explica que “o processo do conhecimento [...] articula-se entre aquilo que é vivido (sentido) e o que é simbolizado (pensado)”. Nesse sentido, a atividade de composição musical baseada no mito de Perséfone desafia os licenciandos a articular o conteúdo mitológico com suas próprias vivências emocionais, criando uma experiência estética que transcende a simples transmissão de conhecimento. Esta experiência não apenas facilita a compreensão de conceitos abstratos, mas também contribui com o exercício de vivenciar intersecção entre arte e religião, de maneira criativa e reflexiva, contribuindo para a construção de um ensino mais sensível e humanizador.

**3 Metodologia**

A atividade aqui relatada iniciou-se com seleção do mito a ser trabalhado, visando encontrar uma narrativa rica em simbolismos e com potencial para suscitar reflexões profundas sobre a experiência humana e a relação entre o indivíduo e o divino. O mito de Perséfone, com sua rica simbologia e sua relação com ciclos naturais e questões de gênero, emergiu como uma escolha promissora, que se justifica pela possibilidade de explorar temas como vida, morte, renascimento, poder e gênero.

Uma vez escolhido o mito, a etapa seguinte consistiu em definir a forma como ele seria trabalhado. A opção pela composição musical surgiu da convicção de que a música, com sua capacidade de evocar emoções profundas e de transmitir significados de forma intuitiva, seria uma ferramenta poderosa para a compreensão e apreciação do mito. Nesse contexto, compreendemos que a música permite acessar camadas mais profundas do inconsciente e estabelecer conexões emocionais mais intensas.

O processo de criação da letra e escolha da melodia foi marcado pela colaboração e pela imersão no universo mitológico. Inicialmente, o grupo realizou um estudo do mito de Perséfone, analisando suas diversas versões e possibilidades de interpretação, identificando os personagens principais e suas motivações, e explorando os símbolos presentes na narrativa. Delimitadas as principais etapas do mito, foram definidas as emoções que se desejava transmitir em cada momento. A tranquilidade da vida de Perséfone antes do rapto, o medo e a angústia durante a descida ao submundo, a alegria da volta à superfície e a resiliência de Perséfone frente aos desafios, foram algumas das emoções exploradas. Para cada uma dessas emoções, foram escolhidos ritmos que as expressassem de forma adequada. Já para a criação da letra da música, trabalhamos de forma colaborativa em um documento compartilhado online, no qual os integrantes do grupo buscaram expressar os sentimentos dos personagens de forma poética, utilizando metáforas e imagens que remetem ao universo mitológico.



Imagem: Tabela colaborativa definindo o roteiro para a composição musical.

**4 Resultados e Discussão**

A experiência de realizar uma composição musical que adaptasse o mito de Perséfone trouxe consigo uma série de desafios e aprendizados significativos, tanto para os docentes envolvidos no desenvolvimento do trabalho quanto para a prática pedagógica em geral, exigindo não apenas habilidades criativas, mas também uma reflexão significativa acerca dos elementos simbólicos e emocionais do mito.

 Um dos principais desafios encontrados ao longo do desenvolvimento desta atividade deu-se, justamente, em saber como expressar os conceitos abstratos e complexos presentes no mito, em letras que se ajustassem ao ritmo desejado, ao passo que ainda refletissem as emoções e os significados centrais desejados.

Ao longo do processo de desenvolvimento do trabalho e das devolutivas da professora, o grupo percebeu a necessidade de enriquecer a apresentação, adicionando elementos de tridimensionalidade com o intuito de torná-la mais lúdica e imersiva. Incorporamos objetos simbólicos que representassem momentos cruciais da narrativa, como as flores, que remetem a ligação de Perséfone com a primavera, e o fruto, que marca a sua ligação com Hades. Além disso, percebemos a importância de introduzir pequenos diálogos estratégicos para separar os diferentes ritmos musicais escolhidos. Como não estaríamos em um palco tradicional no momento da apresentação, decidiu-se também utilizar os recursos disponíveis na sala de aula, como a televisão, projetando diferentes animações que indicariam as mudanças entre a superfície e o submundo que ocorrem ao longo da história de Perséfone, facilitando a compreensão espacial e temporal do mito.

 Observamos nesta experiência uma oportunidade para que os docentes, estimulados pela proposta de uma atividade que estivesse na intersecção entre arte e religião, se aprofundassem e testassem novas práticas pedagógicas, a fim de desenvolver abordagens mais humanizadas e aptas a instruir os alunos em um aprendizado que não seja alheio aos sentimentos e sensações. A atividade desenvolvida foi capaz de despertar a percepção da composição musical como ferramenta eficaz no processo de ensino, apta a despertar o interesse e a participação ativa, ao mesmo tempo em que permite uma consideração mais sensível e crítica do conteúdo estudado.

**5 Considerações Finais**

A experiência evidenciou que a interseção entre arte e religião não apenas facilita a transmissão de conhecimento, mas também promove a integração entre o sentir e o pensar, aspectos fundamentais para uma educação mais sensível e conectada com as experiências dos estudantes. A experiência nos ensinou que a criatividade e a adaptabilidade são fundamentais no desenvolvimento de atividades educativas que ultrapassem os limites do tradicional e ofereçam novas maneiras de explorar conteúdos complexos, incentivando o desenvolvimento de habilidades críticas e colaborativas.

 Dessa maneira, a atividade de composição musical realizada, apresenta-se como uma estratégia que pode ser replicada em diferentes contextos educacionais, com o potencial de formar professores mais reflexivos e capacitados para integrar múltiplas linguagens no ensino, enriquecendo o aprendizado e tornando-o mais lúdico, crítico e transformador.

Por fim, acreditamos que essa abordagem pode ser ampliada para outros temas e mitos, contribuindo para uma educação que valorize a pluralidade de formas de expressão e entendimento, preparando os alunos para uma apreciação mais profunda e diversificada da cultura.

 **Referências**

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018

CASSIRER, Ernest.Esencia y efecto del concepto de símbolo. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

DE AMORIM, Verussi Melo & CASTANHO, Maria Eugênia. *Por uma formação estética na formação universitária de docentes*. In Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1167-1184, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 23 ago. 2024.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *Por que arte-educação?*. -6.ed.- Campinas:Papirus, 2007.

ELIADE, M. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

SANTOS, Edna  Maria  dos;  FRANÇA, Aurênia  Pereira  de. *A  Música  como  Instrumento de Ensino  e Aprendizagem na Educação Infantil.* ID Online Revista de Psicologia.  vol.17, n.65, p.579-588, fev. 2023.

SOUZA, Cleyde Anne de Almeida. *Arte na escola: uma possibilidade de humanização.* In:Domínio Público.2007.Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000870.pdf> Acesso em 23 ago. 2024.

VERNANT. Jean-Pierre. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga.* Trad. Mýriam Campello. Rio de Janeiro: José Olýpio, 1999.

1. Graduanda em Licenciatura em História pela UFPB. Contato: cristhinesk@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda em Licenciatura em História pela UFPB. Contato: barbararesendea@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduando em Licenciatura em Ciências das Religiões. Contato: jvcs2@academico.ufpb.br

4Graduando em Licenciatura em Ciências das Religiões. Contato: morleyfguimaraes@outlook.com

5 Doutora em Letras pela UFPB. Professora adjunta no departamento de Ciências das Religiões da UFPB. Contato: leylabrito.silva@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)